

EFEMÉRIDE DO ACASO DA CRIAÇÃO

No mormaço de uma tarde de novembro...

Nesse dia estava esboçando alguns desenhos, o tema era a minha pessoa, mas não se tratava de um retrato, não literalmente, mas de representações de mim, do que já fui, do que poderia vir a ser, do que eu não era ou do que eu nunca viria a ser, em suma, meus outros eus e, de certa forma, um eu diferente de mim.

Rabisquei muitas coisas, mas não encontrava uma figura que expressasse amplamente a complexidade e a subjetividade dessa ideia, como desenhar minhas figuras dentro de outra figura de mim, o eu como uma cebola com várias cascas sobrepostas ou um ser de cabeças e corpos mutáveis, e outras ideias, mas, essas alternativas não satisfaziam ao que eu queria mostrar. Já começava a ficar difícil pensar em outras possibilidades com tanto calor, que causava até sonolência, então saí para passear com o meu cachorro.

Mais tarde, quando voltei para casa, me chamaram a atenção os dados¹ de um jogo que minha filha e sua amiga estavam jogando.

Um dado é um objeto de várias faces que se mostra ao acaso e que também me lembrou a popular expressão: “a sorte está lançada”.

Esta frase vem do latim e seria popularmente proferida pelos romanos da antiguidade enquanto jogavam dados. A expressão “Alea jacta est” ganhou notoriedade supostamente quando teria sido proferida por Caio Júlio César por ocasião da travessia de suas legiões pelo riacho Rubicão, em 49 a.C², que delimitava a fronteira entre a Gália Cisalpina e o sul da Itália.

Os jogos de dados eram muito comuns na Roma imperial e me pergunto como seriam os dados pertencentes a um soldado romano. Imagino que poderiam ser um pouco toscos, construídos artesanalmente de madeira ou osso, talvez tingidos de púrpura, uma das cores preferidas dos romanos, provavelmente desgastados e sebosos pelo tato das rudes mãos dos

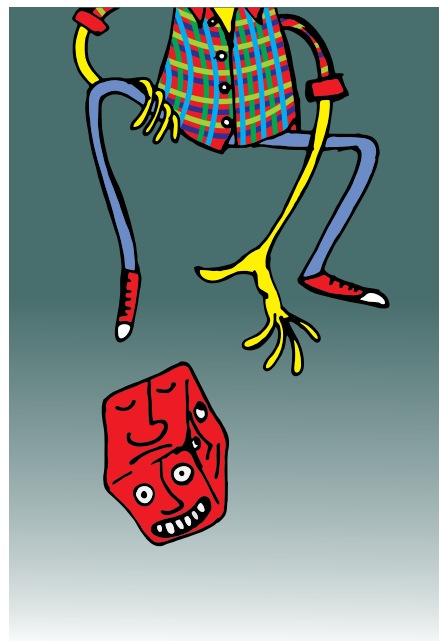


Figura 66: Meus outros.

1. Os dados representam o acaso – a combinação aleatória de seus números denota a imprevisibilidade da vida. A frase “os dados estão lançados” indica que o destino já está traçado. Soldados romanos jogaram dados para disputar a túnica de Cristo (BRUCE-MITFORD, 2001, p. 79).

2. O exército de Júlio César, mantido durante oito anos na Gália, pode ser considerado como modelo e padrão dessa nova força militar, mas não foi o único. O imperador acrescentou tanto um novo vigor como uma nova dimensão às conquistas, pela rapidez com que submeteu territórios relativamente extensos. Acima de tudo, seus sucessos lhe deram uma vantagem suficiente para que pudesse reivindicar o poder político. A resistência de seus adversários o levou a tentar a sorte em um único lance: ao cruzar com suas legiões o limite de sua província, demarcado por um riachinho chamado Rubicão, que corre entre Ravena e Rimini, em março de 49 a.C., ele desencadeou uma guerra civil, da qual eventualmente se tornou uma vítima (LE ROUX, 2013, p. 9).

legionários e que deveriam ser lançados para jogar, mas também para sortear a decisão sobre alguma questão quando se encontravam esgotadas todas as possibilidades de relativizar.

Enfim, o dado me trouxe novas inspirações, como a ideia de desenhar um sujeito que joga dados para decidir qual dos seus outros irá prevalecer, e isso me pareceu uma boa metáfora para a imagem que queria construir a respeito de meus eus.

Recordo algumas situações da vida em que tive que tomar decisões para além do ponderável ou dos instintos, confiando apenas na casualidade, pois ignorava as consequências dos atos ou era ingênuo para entendê-las ou, ainda, porque não era possível ter algum controle do que poderia acontecer. Imagino que a transposição desses momentos foi determinada por intuição, imaginários construídos deles, vontade e empenho em ser, capacidades de ser, influência dos outros, oportunidades, pelos contextos em que estava inserido e, porque não, por algo mais, além de toda a lógica, a coragem de arriscar.

Parece que olhar para o que passou e interpretar o que ocorreu na vida de um ponto de vista específico, sob alguma lógica, não se equipara a avaliar as experiências que estão em curso no presente, onde pode ocorrer ausência de referenciais. Em outras palavras, o passado fornece repertórios que ajudam na tomada de decisão sobre o que se apresenta no presente, lembrando que, em alguns casos, não existirão parâmetros porque o futuro poderá apresentar o inesperado, o novo ou o diferente.

Também acredito que, quando estamos empenhados em algo, ficamos mais suscetíveis a encontrar coisas relacionadas a esse algo, como uma expectativa intrínseca da criação, como uma espécie de afetação pela temática, como o exemplo da metáfora do “dado”, que comentei anteriormente.

Finalmente, de alguma maneira, penso que tive muita sorte de estar aqui, mas será que posso continuar confiando nela?

Alea jacta est!



Figura 67: Instrumento do acaso.

EFEMÉRIDE DO MANIFESTO SENSÍVEL

Na fria madrugada de 9 de junho de 2014, quando as visualidades afloraram múltiplas, sussurrando um manifesto sem métrica, rima ou razão de ser, como um sentir derramado...

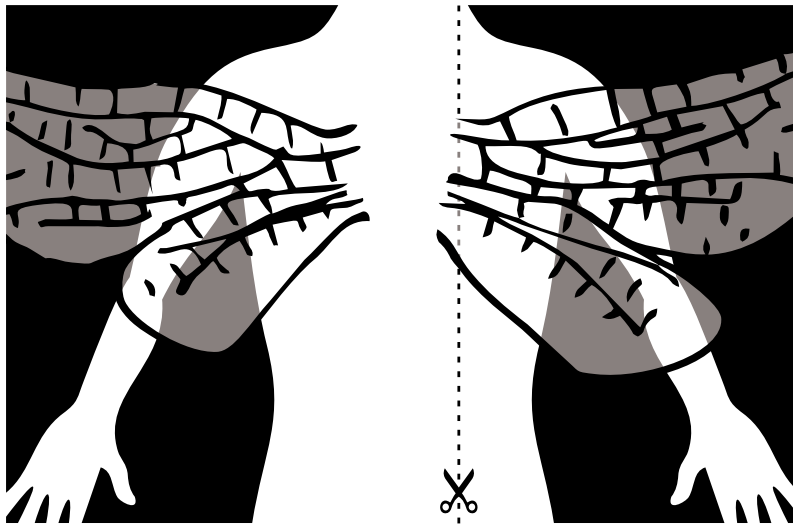


Figura 68: Efêmero.

Procurava transcender,
em meio à nuvem do caos e devaneios efêmeros,
onde as palavras estavam mortas
e os sentimentos guardados com todas as chaves da razão.

Ali, o vento ousava,
sussurrava imaginários e balançava o que já estava enraizado,
descontrolando voos das efeméridas
e causando a singular sensação de liberdade.

Ainda assim, estando multiplicado,
sentia-me fragmentado como as profecias em um almanaque.

Procurei pelo que fui,
nos símbolos do meu passado,
pois queria saber as razões que me aprisionavam,
como um náufrago,
ao tempestuoso mar dos questionamentos.

Deveria mergulhar nas profundidades?
Ou deixar-me levar pela deriva do presente?



Figura 69: O cinamomo andante.

Desejava perceber,
com diferentes olhares,
os paradigmas das questões sem resposta,
da instabilidade do tempo
e dos labirintos infinitos,
para encontrar pedaços meus e imagens cristalizadas
nas trilhas deixadas por centauros,
que somente puderam ser avistados
pelas janelas da história.

Nos singulares trajetos que escolhi
também havia inquietantes abismos,
que não deixaram escolha,
senão flutuar para além do fim do mundo
e nas montanhas mais distantes,
para descobrir-me estético.

Enxergar-me imaginário e metafórico
tal qual um cinamomo
que queria andar,
ou simplesmente cotidiano,
como uma laranjeira no quintal.

Caminhei na companhia de amigos
e paramos para um café,
somente para quebrar a rotina
do produtivismo maquinal.

A bebida fez pensar
sobre as coisas que assombram
e que deveria evitar com um olhar desviado.

Não tive o pôr do sol
como objetivo nessa jornada,
pois não sou um herói de coração fechado,
que busca restabelecer a ordem na beleza intocada.

Quis mesmo desconstruir-me,
só para ver o renascimento da estética
e dos mitos
que viraram de ponta-cabeça minha vida.

Olhei para todos os lados,
de lugares inusitados,
interpretando as similitudes
dos sentimentos imaginários.

E quando a neblina se fez
um espaço de criação,
a roda da fortuna rodou
e, ao acaso,
descobri
que me encontrava em meio à nuvem dos efêmeros,
vivendo a grande aventura.

Por fim,
somente por um instante a nuvem persistiu,
tomando conta de tudo,
para dizer com sua figura
que sou muitos,
em um só.

Nota do autor 42: A percepção pela sensibilidade desencadeia sentimentos irracionais e afetos que podem ser expressos pela arte para tornar a formação um percurso que também é poético e produtor de outros sentimentos e sentidos que não o determinismo.

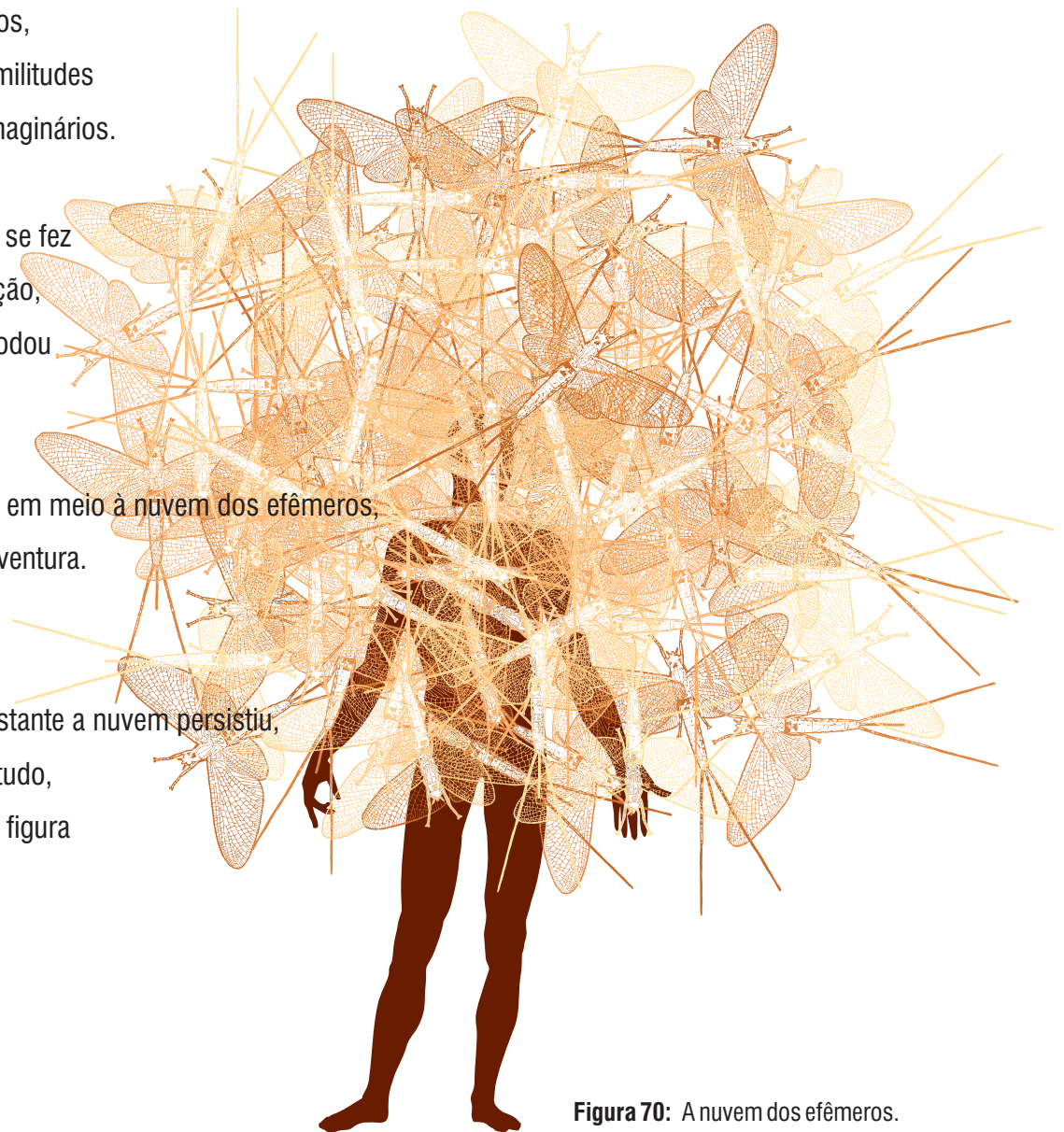


Figura 70: A nuvem dos efêmeros.



Figura 71: Livre pensar.

1. A disfuncionalização torna possíveis, antes de mais nada, a separação da representação e do objeto da “necessidade” biológica e, portanto, o investimento de objetos sem pertinência biológica (deuses, reis, pátrias etc.) e, em seguida, a possibilidade (igualmente desprovida de pertinência biológica) de que as atividades da psique se tornem, em si mesmas, “objetos psíquicos”, condição da reflexão, e que a psique se torne capaz de manejar o *quid pro quo* lábil, condição de simbolização (CASTORIADIS, 1999, p. 257).

2. Pois saber, como devemos sabê-lo, que nosso *Lebenswelt*, nosso “mundo da vida” é somente um mundo, em meio a um número indefinido de outros, é reconhecer que há uma multiplicidade de “experiências” coletivas “na primeira pessoa”, dentre as quais nenhuma que seja, à primeira vista, “privilegiada”; - filosoficamente, mas também politicamente – é aquela que se tornou capaz de reconhecer e aceitar, exatamente, essa multiplicidade dos mundos humanos, assim rompendo, tanto quanto se pode fazê-lo, o fechamento de seu próprio mundo (CASTORIADIS, 1999, p. 251).

Nota do autor 43: A formação se faz concomitantemente de razões e emoções, não há como dissociá-las. Há estéticas e sensibilidades que se transformam em raciocínios lógicos e razões que se dissolvem em emoções, dependendo de onde são percebidas. O lugar de percepção é uma condição imaginária e simbólica e a formação é um processo de simbolização e criação de racionalidades sensíveis sobre a multiplicidade do mundo.

EFEMÉRIDE DA RACIONALIDADE COERENTE

Exatamente às treze horas e quarenta e cinco minutos...

Pensava o racional como algo calculado, ponderado, referenciado e apresentando uma lógica relacionada aos fatos, conhecimentos ou temas em questão. O Racional é o estabelecimento de um sentido coerente frente aos outros. Um exemplo disto é a soma de um mais um que é igual a dois, que pode ser percebido como um resultado puramente racional e, aparentemente, permanente.

No entanto, tomando o exemplo da matemática e transferindo-a do abstrato para o concreto, o racional pode se transformar em uma percepção estética, pois se torna relativo a um contexto. Isto poderia ser percebido na divisão de cinco laranjas entre duas pessoas; aí haveria variação de soluções, como duas laranjas e meia para cada pessoa, duas para uma e três para outra, duas para cada uma e restando outra, dez metades para cada uma etc. Há diferentes possibilidades de escolha, e a solução poderia ser dada por uma decisão estética que imaginaria produzir-se simbolicamente¹. Assim, o racional e o sensível se tornam concomitantes e tomam outra condição na criação do saber, uma condição imaginária, sentimental e, conseqüentemente simbólica, ainda mais em situações complexas onde se produzem a multiplicidade de sentidos² e os referenciais são variáveis. Assim, a racionalidade é determinada por capacidades de estar sensível à reflexão; por outro lado, é necessário estar minimamente razoável para que seja possível explicar algum sentimento, pois razões e emoções se misturam e se complementam. Enfim, o racionalismo é atravessado por estados emocionais, e a paixão traz suas razões; tudo parece não passar de uma questão de sensatez ou insensatez.

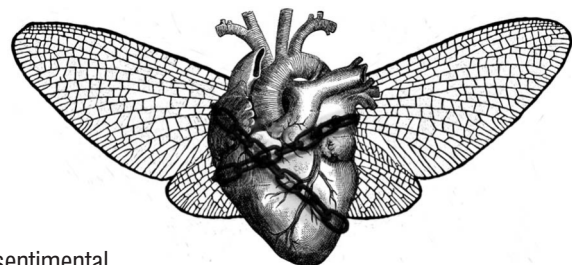


Figura 72: Paradoxo sentimental.

EFEMÉRIDE DO HERMETISMO DOS SENTIMENTOS PESSOAIS

Em um momento de insônia às 3 horas da madrugada do dia 2 de maio de 2014, e não era a primeira vez, pois nas últimas semanas havia descontrolado meu relógio biológico...



Figura 73: Hermético.

Nota do autor 44: Meu relógio biológico seria um daqueles de corda, todo estropiado das vezes que despertou e foi jogado longe; o coitado estaria mutilado de um de seus ponteiros e, o que sobrou, de tão retorcido, não saberia mais se estaria marcando horas, minutos ou um tempo qualquer.

Duas semanas atrás havia apresentado as produções de minha pesquisa aos meus colegas do GEPEIS para compartilhar o que estava sendo trabalhado e para que pudessem contribuir com seus olhares trazendo outras perspectivas.

Apresentar o trabalho em andamento foi uma boa oportunidade para considerar novas ideias, implementá-las e fazer correções de equívocos em tempo hábil. Além do mais, o debate foi um bom exercício de ponderação e argumentação.

No entanto, ao fazer a exposição cometi o equívoco de pressupor que minha proposta era explícita e facilmente seria compreendida. Como se tratava de evidenciar um processo de

formação que estava sendo percebido pelo imaginário e pela estética, imaginei que se tratava apenas de explicitar os aspectos sensíveis da experiência para que a percepção e o entendimento viessem à tona.

Logo percebi que não havia escolhido uma boa forma de abordagem, que os saberes que tinha me esforçado a explicitar não estavam claros, que a sensibilização que estava tentando provocar gerou percepções muito diversas do que eu pretendia, embora fosse de se esperar isso, pois trabalhar com a estética como referência pode trazer este risco.

A produção estética que foi apresentada na ocasião não foi percebida e deu lugar a inúmeros questionamentos e racionalizações dos colegas, que estavam ansiosos em colaborar para que o meu trabalho se tornasse verdadeiramente uma tese, quer dizer, uma tese com o mínimo de coerência científica. Isso também me angustiava, ou melhor, posso dizer que me trouxe uma persistente desacomodação.

Em uma das primeiras percepções poéticas que apresentei, fui logo questionado, mas de nenhuma forma inconveniente, pois havia a atmosfera da informalidade. Porém, a seguir vieram tantos outros questionamentos, que a apresentação se tornou muito fragmentada, e o que eu pretendia dizer foi tantas vezes desviado que me senti perdido. Isso tornou ainda mais incompreensível o que eu pretendia explicar. Meus colegas insistiram em me ajudar, tentando identificar uma tese ou me dizendo o que poderia ser uma tese. E eu, tentava, em vão, mostrar que a tese estava no processo vivenciado, como um processo de formação pela sensibilidade, suscetível a mutações pelo que as experiências de vida, que são indeterminadas, oferecem e pelas percepções estéticas sobre elas. Portanto, um processo difícil de ser determinado, mas que podia ser apreciado, mesmo que parcialmente, pelos fragmentos que foram possível preservar.

Meus colegas trouxeram suas fortes razões, que eu ouvia com atenção, mas sem saber o que fazer. Pensava que teria que

repensar minhas ideias, reconstituir o que estava desconstruído e deixado em algum lugar do passado, algo que parecia ter sido ultrapassado, a razão chave, a que desprezei e sem a qual nada poderia ir em frente.

Havia muita lógica e coerência nos argumentos dos meus colegas que desejavam trazer ciência à minha pesquisa, tanto que passei a desconfiar de minhas ideias, pois os imaginários e as estéticas que quis compartilhar pareciam percebidos somente como alegorias ou algo lúdico, que não poderia ser aplicado sistematicamente à produção de conhecimentos fundamentais para educação e para a formação de professores, linha de pesquisa em que me inscrevo como pesquisador.

O sentimento que tive em relação a tudo isto foi o de estar inerte dentro de uma caixa hermeticamente fechada, esperando encontrar a inspiração repentina, mais inteligente e impressionante para afetar meus interlocutores com o que imagino que seja a sensibilidade estética.

Estava em uma situação um tanto desconfortável, improdutiva, e minha obrigação era sair daquele impasse pelo bem da ciência. Porém, não sabia que caminho seguir, se deveria olhar para trás, lá onde negligenciei o consagrado, ou submeter-me à razão.

Colocar-me em conflito foi um dos dispositivos que encontrei para provocar a criação. E esta experiência despertou muitos sentimentos, que envolveram desafios e limitações, encorajamentos e acovardamentos, decepções e encantamentos, desejos de viver a profissão e o cotidiano e outros tantos, os quais, misturados a estes, tornaram a pesquisa um lugar de variedades, contendo um pouco de tudo do que tenho vivido, principalmente como pesquisador em educação que tenta olhar para as singularidades de um processo de formação.

Imaginei esse processo cambiante expresso como um almanaque, mas se esta forma somente pode ser vista como uma proposta metodológica, resultante de um processo de

Nota do autor 45: Uma outra noite, em um dos meus momentos de insônia cheguei a pensar em uma outra incômoda possibilidade, ou seja, que um enorme esforço para despertar percepções singulares, estéticas ou novas sobre a formação de professores poderia, em um efeito reverso, reafirmar de maneira ainda mais convincente percepções já existentes ou olhares de preservação. Ao que parece o rompimento da racionalidade científica e do pensamento funcional despertaram mais pensamentos contrários do que a favor da percepção de saberes em uma dimensão estética. Penso que poderia estar aí a constatação de que o investimento na estética seria sempre arriscado, e jamais poderia se comparar à ciência por mais abstrata que seja, pois a estética pode ser imprevisível.

1. Eles nos mostraram que a dor pode ser uma tensão sentida por causa de um não saber como lidar com turmas de alunos e/ou determinados conteúdos; que ela pode ser sentida devido a pressões de órgãos superiores quanto à exigência de produção; que nas instituições de ensino há relações conflituosas entre colegas devido a ideologias e concepções teóricas divergentes, e isto era causa de dor; que os baixos salários e o excesso de trabalho levam a determinadas crises e que isto faz parte de uma estrutura educacional – a dor não poderia ser tratada isoladamente do contexto histórico; que ela pode ter a ver com o tipo de formação do sujeito professor: a sua história de vida poderia ser determinante dos modos como ele se relacionava com suas dores na profissão (KUREK, 2013, p. 29).

Figura 74: Ouroboros guaipeca.

Nota do autor 46: Em algum momento próximo a este, imaginei o ouroboros de um cão vira-latas que tenta pegar seu próprio rabo, seria ele um intelectual sem pedigree buscando se recriar ou apenas um tonto?

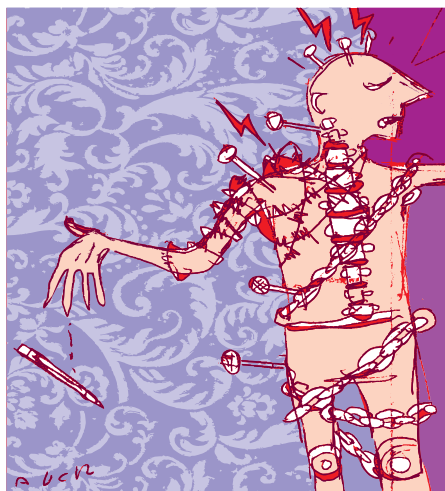


Figura75: A dor.

Nota do autor 47: Na formação há uma confrontação entre os sentimentos que são pessoais e os sentidos que são instituídos que devem ser trabalhados para que se torne possível a produção de saberes compartilháveis. Vejo que o conflito é um dispositivo de formação, mas é preciso ter cuidado de não tornar a formação um processo hermético que somente possa conduzir ao isolamento. Foi importante perceber que o processo de formação é um aprendizado em movimento de construções, desconstruções, reconstruções e, também, desacomodação.

racionalização da construção de uma pesquisa autobiográfica, as tentativas de provocar encantamento iriam perdendo o sentido, pois apenas poderiam se prestar a despertar afetos e sentimentos estéticos.

Por fim, não saberia dizer se essa reflexão estaria me cegando para o óbvio, se não seria uma grande insensatez olhar para as coisas de maneira incompreensível; sei apenas o que isso me causou confusão, temor, dor¹, fuga e insônia...



EFEMERIDE DA DESCONEXÃO DE MEUS FRAGMENTOS

Durante um longo período que passei aflito e inerte...

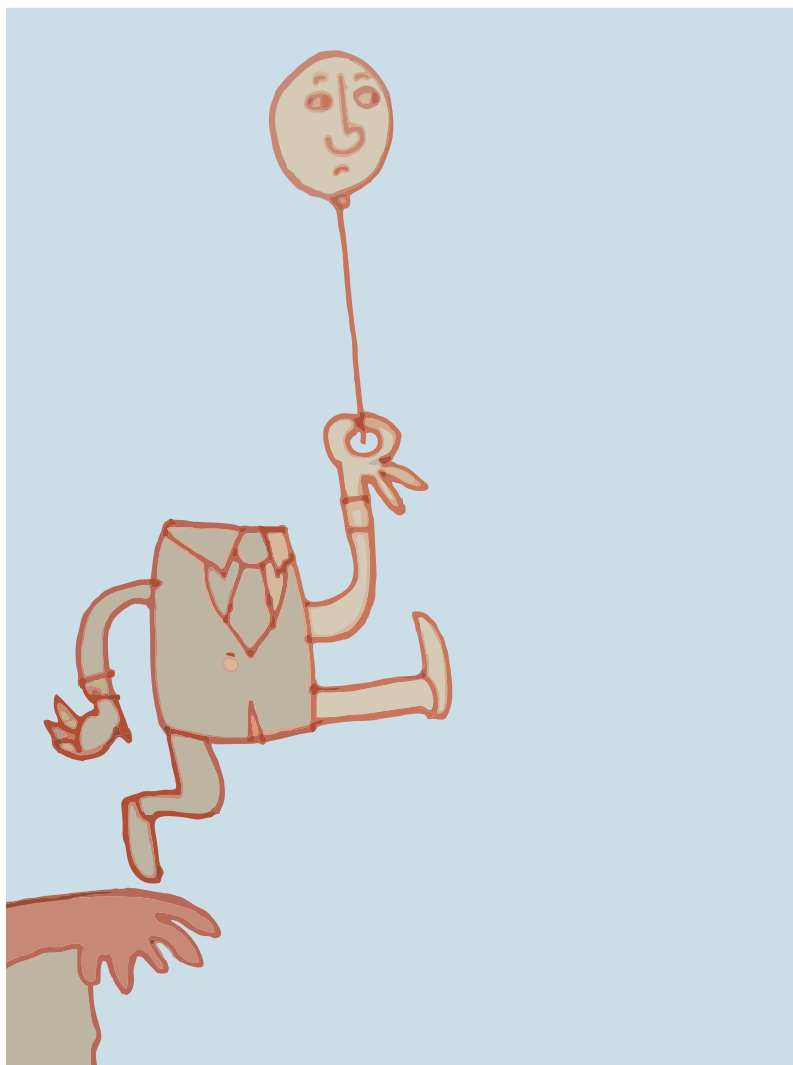


Figura 76: Sentimento desconexo.

1. É a ideia que para existir distinção é preciso que exista oposição - [...] (CASTORIADIS, 2007, p. 24).

Nota do autor 48: Um ser não deixa de existir apenas por estar desconexo, por ter seus pedaços espalhados ou amontoados de forma anárquica.

Depois de muito tempo tentando descobrir que sentidos poderiam me trazer todos aqueles fragmentos que foram minhas produções durante o doutorado e, se de alguma forma estariam concatenados para produzir um sentido mais amplo e profundo, já começava a desanimar.

Foi então que percebi a desconexão como dispositivo ou espaço de criação e de percepção singular, contrário à lógica conectiva dos pensamentos estruturalistas e sistemáticos. A desconexão tem a ver com a criação estética, porque envolve uma procura intuitiva pelo que não está no lugar, pelo não pertencente, o desigual e o oposto¹. Quando o desconexo é percebido, o óbvio é transcendido, há criação de algo que surpreende e que provoca novas possibilidades de imaginação e conexões singulares.

EFEMÉRIDE DA PROCURA DE UM LUGAR PARA OLHAR

Mais próximo de outros começos...

1. O aparecimento da reflexão não pode, pois, ter lugar sem uma perturbação e um remanejamento fundamental de todo o campo social-histórico, já que implica a emergência simultânea e reciprocamente condicionada de uma sociedade em que não há mais verdade sagrada (revelada), e de indivíduos para os quais tornou-se psiquicamente possível colocar em questão tanto o fundamento da ordem social (e prontos a reprová-lo) quanto o seu próprio pensamento, isto é, *de sua identidade*. Dessa forma, está claro que a reflexão pressupõe e materializa a ruptura do pensamento com a funcionalidade (CASTORIADIS, 1999, p. 290).

Figura 77: O olhar do alto.



Sentia o corpo dolorido pelo sedentarismo e a mente cansada de pensar, pois quando empreendi esta jornada não havia calculado o tamanho do esforço necessário, mas, já que estava lá, continuei, ainda que fosse difícil saber o quão longe teria de ir. Por isso, procurava encontrar algum referencial onde fosse possível ter uma visão do que foi percorrido, um zênite que delimitasse o percurso e permitisse a reflexão sobre os imaginários fomentados no trajeto.

Seria tal como, entre tantas subidas e descidas, chegar ao cume de uma grande montanha, onde poderia ser visto um grande panorama, onde haveria a sensação de conquista, de apropriação de um saber sobre o vivido e sobre a obra e, também, a responsabilidade por um lugar que se tornaria seu. Porém, o cume não seria um local para ficar por muito tempo, porque, acima dele, não haveria mais o que alcançar e, em seguida, aquele lugar se tornaria um lugar de inércia e de ausência, contrário ao viver.

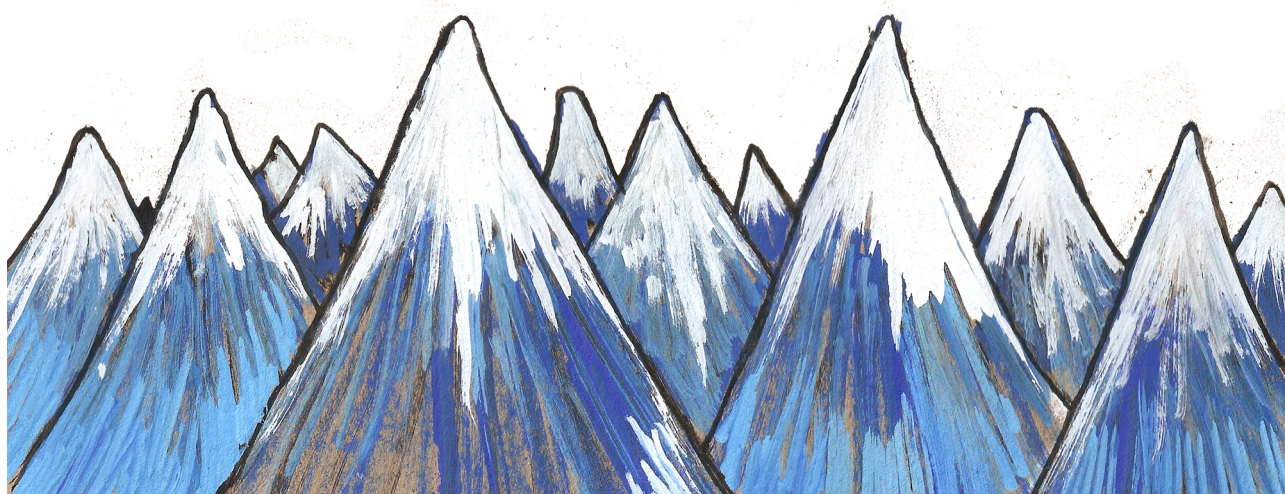
Lá no alto, seria reconfortante ficar acomodado em um trono de pedras recordando proezas ou apreciando a imensa paisagem e desfrutando do saber que a vista longínqua poderia oferecer. De lá seriam avistados outros picos maiores ainda, e tantas outras escaladas possíveis que despertariam os desejos de continuar a jornada, ir mais além e descobrir. Assim, logo seria preciso seguir, posto que lá em cima a solidão e o marasmo poderiam ocupar totalmente o ser.

E antes que fosse tarde demais ou longe demais, antes que os esquecimentos ocupassem o espaço das lembranças, foi preciso entender que devia ser encontrado um lugar que permitisse perceber o que de significativo aconteceu, não apenas pelas identificações instituídas ou pela serventia, mas pelo que foi diverso, pela reflexão¹ sobre as irregularidades, sobre o que houve de singular e o que foi possível ser criado e, assim, produzir condições para perceber o ser como criador de si mesmo. Mas

esse lugar, que sofre as intempéries dos tempos e olhares diversos, não precisa ser o mais alto, o melhor ou o único, pode ser múltiplo e provisório, pois é um lugar mutante que somente permite percepções de um presente.

Nota do autor 49: É importante refletir sobre o que foi vivido na formação, mas um lugar para olhar é apenas um dos lugares possíveis e permite uma visão pontual, independente da amplitude que atinja ou da qualidade do que pode ser visto e, por isso, o olhar não deve ser permanente, pois sofre da diversidade.

Figura 78: Algum lugar.



EFEMERIDE DO PROCESSO VIVENCIADO

Já cansado, quando estava pensando alto...

Figura 79: A estética possível.

1. Exemplos de algumas teses:

- MADRID-MANRIQUE, M. *Creando narrativas audiovisuales participativas: a/r/tografia e inclusividad*. Universidad de Granada, 2014.

- MOSSI, C. P. *Um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições*. UFSM, 2013.

- SOUSANIS, N. *Unflattening*. Columbia University, 2013.



Nesse processo, evidenciado por sensibilidades e/ou estéticas, houve dificuldade em encontrar maneiras inteligíveis para expressar os saberes de caráter subjetivo ou sensorial que foram percebidos. Também os recursos da experienciação e da intuição, com os quais costumo proceder para a criação de obras estéticas, se mostraram difíceis de lidar quando aplicados à produção que deveria possuir qualidades de um trabalho científico, pois senti uma incongruência entre os limites da criação estética e a adequação a modelos estruturais das ciências. Em outras palavras, produzir esta pesquisa pelo enfoque de uma criação artística evidenciou os problemas de incompatibilidades entre a expressividade de sentimentos estéticos e determinações, e entre procedimentos preestabelecidos ou racionalizados e ações intuitivas emocionais.

Embora muitos dos processos de pesquisa nas áreas humanas contemplem razões e emoções ou determinações e estéticas sem nenhum problema de incompatibilidade entre elas¹, neste caso, especificamente, constatei que as subjetividades dos sentimentos que geraram os saberes, no meu ponto de vista mais cruciais para a construção desta pesquisa, pareceram não estar em sintonia com a maneira que eu imaginava a ciência, porque eram da dimensão sensorial e necessitavam da estética para

percebidas, considerando que esta estética foi vista como possibilidade de inspiração e não apenas como objeto de reflexão.

Conduzi a pesquisa por imaginários e percepções sensíveis a partir do que estudei, das aulas e reuniões de que participei, também das conversas, muitas vezes informais, com professores e colegas, da experiência docente, do resgate de uma história de vida pessoal e das demais vivências durante o doutorado. E com o cacoete de um desenhista que olha para os detalhes de uma cena a fim de capturar a intimidade das formas, neste percurso diversificado de experiências, mais do que pela razão, olhei pelo afeto para procurar pelas singularidades que possibilitassem constituir novos imaginários desta jornada de pesquisador e professor em formação.

Neste contexto, de sensibilidade imaginária, encontrei a singularidade nas minúcias, que não apresentavam a um primeiro olhar sua relevância, pois eram menores, às vezes ocultas, e careciam de um olhar mais atento para se tornarem evidentes. Esses pequenos indícios fragmentados e marginais, de alguma forma, puderam se tornar oposições a percepções comuns ou instituídas.

Os detalhes que cativam o olhar interferem na percepção do lugar comum, pois convidam à espontânea mudança de pontos de vista e oferecem a subjetividade, o desvio, o sentimental, que ainda não têm sentido razoável, e a necessidade de criação imaginária que, possivelmente, será singular. Por esse olhar, o imaginário nasce estético e vai se fortalecendo pela sensibilidade para produzir sentidos ou sentimentos singulares que poderão vir a ser instituintes de novos imaginários.

É difícil encontrar as palavras certas para explicar como seria estar em um estado de sensibilização para a percepção de singularidades, pois esse é um sentimento íntimo, de cada pessoa, e, como já mencionei, está envolvido com a espontaneidade. Somente posso supor que tenho sensações de que a procura pelo singular intensifica a sensibilidade, e que é preciso deixar ser

2. A liberação abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por práticas de liberdade (FOUCAULT, 2010, p. 267).



Figura 80: Sentimento de arejamento.

afetado pelas percepções estéticas. Também a perspicácia para percepção singular parece estar relacionada a um estado sensitivo que inspira a vontade de criar, perceber ou ver metaforicamente o que não é comum no que se apresenta comumente. Neste caso, seria oportuno pensar que a percepção pela estética provoca a liberação² ou arejamento da mente pela criação fluida e múltipla de sentimentos subjetivos e inusitados. Uso o termo “arejamento” porque não encontrei uma palavra melhor para explicar este sentimento espontâneo de ativação da imaginação ou da fluidez criativa ou, ainda, da abertura dos sentidos aos afetos.

Penso que o sentimento de arejamento pela estética tem o importante papel de despertar imaginações e sensibilizações em dimensões sentimentais ou racionais e, conseqüentemente, trazer a possibilidade da criação singular e da constituição de imaginários instituintes, também singulares, e geradores de formas originais de percepção e pensamento nos mais variados campos do saber, entre eles, a educação e a formação de professores.

Outro aspecto enfatizado nesta pesquisa, como um processo experiencial, tanto no sentido da criação dos caminhos percorridos na formação como da procura por referenciais, foi a sensibilização e a escolha do que eram, para mim, temas ou saberes inexplorados.

O mistério é cativante e despertou o desejo de aventura, curiosidade e criação sem a preocupação de responder objetivamente a questões prévias ou cumprir, de forma estrita, um itinerário planejado. Observei que isso foi muito importante para constituição de saberes, mais do que a obtenção de uma resposta útil ou funcional para o fechamento desta tese, que teve como propósito evidenciar um processo autobiográfico e de formação por imaginários narrados como efemérides de um almanaque em uma perspectiva instituinte, pois as experiências, mesmo as frívolas e as fragmentadas, se tornaram germens da expansão das habilidades de interpretação e percepção sensível e de um aprendizado singular para apreciação e consideração dos saberes

que foram vivenciados ou discutidos.

Constatei, também, que os sentimentos de aleatoriedade e liberdade de uma aventura não se afinam muito bem com inflexibilidade, visto que é difícil estabelecer referenciais de embasamento ou análise, pois o mistério, que faz parte deste tipo de empreendimento, pode estar, entre outras coisas, na valorização da irrelevância, na informalidade ou no artesanato das criações imaginárias. No entanto, a manutenção da pertinência é imprescindível para validação de uma pesquisa e, no caso desta investigação, considero que a procurei na persistência em querer compreender o fenômeno de percepção pela estética, na intensidade com que me dediquei à construção imaginária desta pesquisa e nas sensibilidades que emergiram nas narrativas aqui descritas.

Por fim, também reconheci, neste processo fragmentado de pesquisa e formação, a desconexão das efêmeras partes como espaços abertos à criação singular, à imaginação radical.

EFEMÉRIDE DA METÁFORA DO ALMANAQUE

Pelo tempo em que as metáforas persistiam em me afetar...

Figura 81: Mutante.

Constatei, logo ao início do doutorado, que a formação é um processo de aprendizado e descobrimento de saberes efêmeros e mutantes, porque, a cada momento de estudo, novas ideias eram percebidas, modificando o que já estava sabido, e tudo ficava sujeito a transformações, até mesmo pelas mínimas e fragmentadas criações sobre as casualidades do vivido. Também foi uma busca pelo sensível que despertou sentimentos e saberes que não consegui expressar de outra forma senão pelo visual, poético ou fictício.

A metáfora que percebi para expressar a complexidade deste trabalho de tese foi a de um almanaque composto por episódios, os quais nomeiei efemérides.

As efemérides foram percepções das experiências de formação, e as vejo como fragmentos das criações imaginárias da minha história de vida e do imaginário do meu presente.

O objeto resultante é complexo, e pode trazer algumas dificuldades de compreensão, pois não é narrado em uma cronologia linear; foi concebido por pequenos olhares do que foi vivido nestes tempos de pesquisa e formação e, também, foi expresso de formas muito variadas e múltiplas, pelas escritas, desenhos, experiências estéticas, poéticas e crônicas. Por outro lado, o objeto, um almanaque, foi a metáfora possível para representar os aprendizados que me fizeram um professor diferente do que era e, também, dos imaginários que criei sobre a docência e sobre mim mesmo neste período.



EFEMÉRIDE DOS IMAGINÁRIOS QUE ME ATRAVESSARAM

No último dia do ano de 2015...



Figura 82: Olhar marginal.

Pela teoria do imaginário, de Castoriadis, o ser é percebido como criação, e a formação, nessa criação, como possibilidade múltipla de existência, de produção de saberes e possibilidades de vir a ser no presente. O imaginário também é criação em movimento e está sujeito a transformações, pois é atravessado por afetos, emoções e sentidos diversos a todo o momento. Nesta perspectiva, o imaginário repercute na dinâmica do viver, da formação e da atuação profissional do professor e reconhece a importância da imaginação para criação de narrativas a partir dos imaginários do vivido. Pelo imaginário, a formação é um processo variado e mutante, se produzindo por caminhos labirínticos e por percursos singulares que podem ser geradores de criações instituintes de novos imaginários. A formação é também, pela

imaginação radical, criação ou invenção espontânea e imaginária do ser e do seu mundo.

O imaginário da formação é condicionado pelas experiências sensíveis, subjetivas e estéticas e pode gerar o redimensionamento dos processos de saber, a ampliação da percepção, a criação de referenciais próprios e a necessidade de aventura, como experiência de estetização. Nessas condições, o imaginário produz dispositivos de formação, como a singularização, a desconexão, o olhar marginal ou da minúcia, o conflito, o desvio, a oposição, etc, que contribuem para criação ou redimensionamento de outros saberes e imaginários.

Na experiência da docência, o imaginário, embora referenciado pelo poder das instituições que impõem modelos e condições sócio-históricas, pode produzir saberes por olhares e sentimentos pessoais e, em momentos únicos, produzir alternativas às subjetivações impostas pelo instituído, mas depende da sensibilidade e da capacidade de movimentação marginal ou oposta, para interferir e transformar o que está posto. Os imaginários transformadores são concebidos pela imaginação radical e espontânea. E a imaginação é influenciada pela estética, pois demanda as percepções sensoriais, subjetivas e afetivas para consumir as criações livres.

Para a formação de professores, o imaginário possibilita a criação pela percepção sensível em oposição ao subjetivado, convencionalizado ou naturalizado e, portanto, gera novas perspectivas para produção de saberes ou de outros sentidos na docência, na educação e no viver. Ainda cabe dizer que os imaginários instituintes por criações imaginárias singulares são mutantes e efêmeros, pois podem ser transformados em instituições ou em outros imaginários.

EFEMÉRIDE DOS SENTIMENTOS ESTÉTICOS

Bem no começo do novo ano, com desejos renovados...

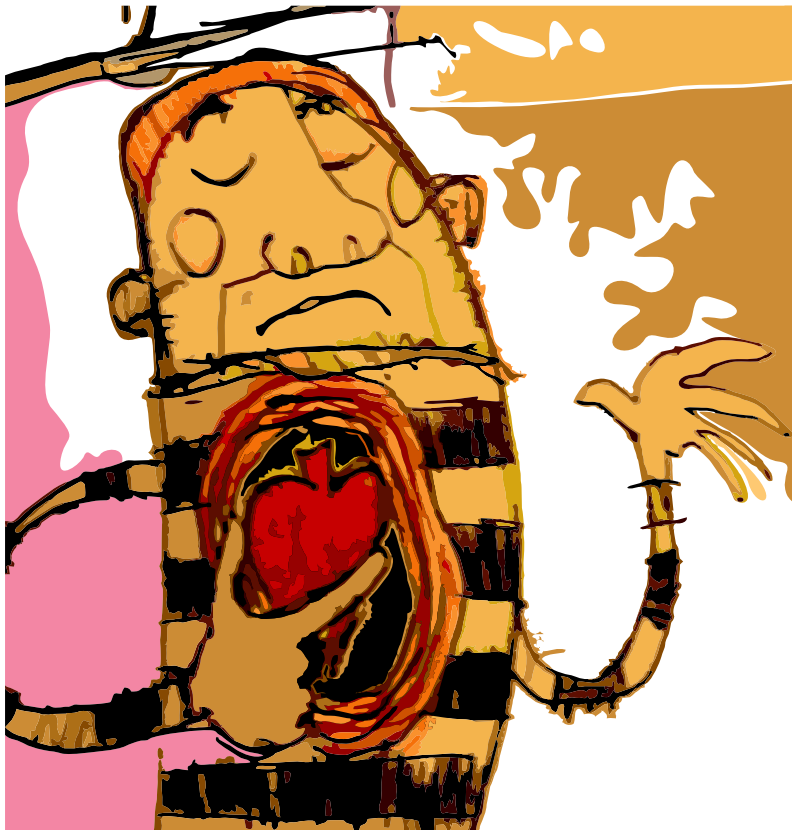


Figura 83: Tocado por afetos.

Percebo o viver mais pela estética do que pela ciência e, por isso, tenho dificuldade em desprender-me da ideia romântica de que a vida se faz pela poesia ou pela arte. De longa data tenho este sentimento e acredito que está relacionado aos interesses ou afetos que tenho pelo desenho e as artes. Entendo que, pela estética, é possível perceber aspectos do viver como arte, porque o olhar estético se volta para a sensibilidade e a singularidade, e essas percepções são condicionantes de qualquer criação. A estética é provocação do viver como arte porque, entre múltiplas e infinitas possibilidades, desperta sentimentos irracionais, subjetivos, intuitivos e emotivos que permitem perceber a desconstrução, a subversão do instituído e, até, o encantamento pelo ilógico como alternativas de criação. Pela experiência, a estética provoca a discussão da relatividade das limitações e se efetiva como linguagem aberta e como dispositivo de criação de saberes, tanto subjetivos, quanto objetivos.

A estética pode ser pensada como criação livre, pois é

muito difícil determinar seus limites; ela impõe a ideia de liberdade, pois é a via da possibilidade indeterminada e, pela sensibilidade, possibilita imaginar criações singulares e imaginários instituintes. A estética também é visão periférica ou marginal que descentraliza a criação do saber pela percepção de espaços desconexos ou vazios de sentido lógico, mas que são potencialmente abertos à imaginação e à invenção e à provocação de livres sentidos ou saberes espontâneos.

Como componente da imaginação radical, a estética é uma influência sensível à criação de imaginários. Pelo imaginário, juntamente com a estética, são concebidos saberes suscetíveis a afetos que podem ser percebidos como arte.

Perceber a vida como arte não é entrar em um processo de estetização absoluto; o olhar e a ação estética não estão em tudo, mas em algumas percepções que possibilitam ao ser a singularização e a desconstrução de alguns saberes instituídos para produzir o aprendizado de outros saberes. A estética abre esta possibilidade porque há nela sentimento de aventura. E a aventura é movimento pela instabilidade do saber e dos sentimentos, pela curiosidade, pela afetividade e procura pelo novo, pela superação ou pela transformação.

A formação, vista como um processo de aventura para a construção do saber, é produto do imaginário e da estética. Porém, é necessário que os saberes estéticos observados dessa formação não promovam o rompimento total com o instituído, pois é preciso que sejam estabelecidos parâmetros de coerência, tendo em vista o lugar e o momento sócio-histórico que está ocorrendo. Assim, é preciso mediar as vontades de ser e as possibilidades de fazer para que a criação estética produza significações nos outros e não se torne algo fechado em si mesmo ou abandonado ao hermetismo.

EFEMÉRIDE DA REFLEXÃO SOBRE ESTA AVENTURA DE FORMAÇÃO

Na ocasião em que enxerguei refletido o que não era...

Essa formação de professor que vivenciei, e que teve como referência o imaginário e a estética, foi um processo de aprendizado complexo devido à ocorrência de vivências efêmeras e mutantes. A formação como processo complexo do vivido, experimental e autobiográfico esteve relacionada aos eventos cotidianos da vida pessoal e profissional, ocasionando a diversificação de ações e, por meio disso, a fragmentação dos saberes percebidos ou criados durante esse percurso.

Pela fragmentação, essa formação não pode ser vista como um processo coeso, mas como uma multiplicidade de aprendizados que demandou a necessidade de outras condições de pesquisa, as quais envolveram a desconstrução de imaginários que estavam consolidados, sobre a pesquisa científica. Neste sentido, a formação foi percebida como uma aventura, porque foi afetada pela variação, pelos desvios de percursos nos caminhos labirínticos do imaginário, pela busca ao inusitado e pelo exame dos limites que possibilitaram a criação de outros imaginários do ser professor e outros saberes sobre a docência e a vida.

A aventura também envolveu afetos, intuições e produções de sentidos a partir do cotidiano de pesquisa e formação. Com esta premissa, o olhar se desviou das objetividades para olhar para as minúcias subjetivas de saberes periféricos e vinculados à sensibilidade, ao imaginário e à estética. Estes pequenos saberes percebidos foram evasões da subjetivações impostas por modelos instituídos e oposições à obviedade das rotinas generalistas, pois possibilitaram notar a formação e a docência como uma existência afetada pela arte de viver, pela liberdade de criação e pelo impulso espontâneo à invenção imaginária de ser e do mundo que o cerca. Esta constatação aproxima os métodos de pesquisa e formação em educação de métodos das artes, onde as emoções suscitam as criações.

A formação também foi efetivada pela reconstituição

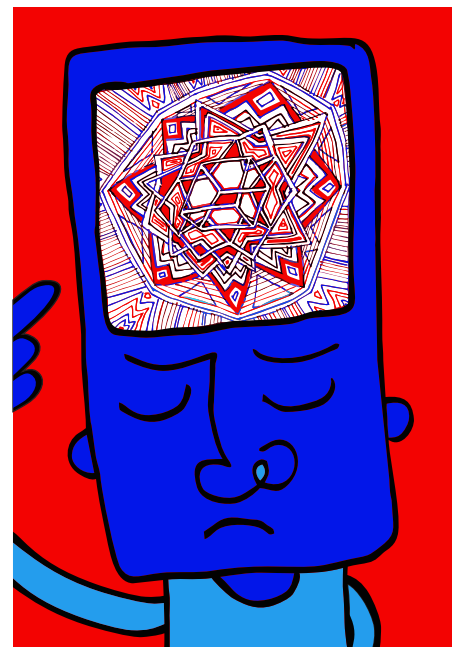


Figura 84: Saber complexo.

imaginária de histórias de vida porque, condicionadas pela cultura e pelo sócio-histórico, ofereceram recursos à reflexão sobre o que provocou a criação de saberes ou sobre as decisões que precisaram ser tomadas pelos percursos traçados no decurso da docência em direção à descoberta da emancipação.

Outra possibilidade criativa percebida foi a imaginação de utopias, que foram vistas como estéticas ou criações do impossível, mas que serviram de referenciais à reflexão e de impulsos à concepção de criações possíveis.

Olhar este processo de pesquisa e formação pelo imaginário e pela estética, em outro sentido, permitiu experienciar o conflito como dispositivo de autoquestionamento e reflexão acerca dos papéis do professor na sua trajetória pela docência e perceber que as questões que geram saberes também geram novas dúvidas e, justamente por isso, há que se admitir que o processo de formação, de alguma forma, é um processo incontrolável em aprendizados e em incertezas.

EFEMÉRIDE DO PANORAMA DO DIVERSO

Enquanto costurava...

Em meio à grande nuvem das efemeridades que foi esta aventura, percebi muitos saberes fragmentados que chamei de efemérides. Elas eram pequenas e variadas, mas foram olhadas como singulares, pois foram concebidas através da sensibilidade, do afeto, da estética e do imaginário para tornarem-se criações instituintes de saberes que trouxeram uma visão mais ampla do que foi esta experiência autobiográfica de pesquisa e formação, da docência e da educação.

No processo, somente encontrei fragmentos porque me deixei levar pelas emoções, mais do que pelas razões e, por isso, foi necessária a criatividade para inventar formas de aproximação do que estava desconexo. Pelo imaginário e pela estética, encontrei na diversidade o aprendizado vinculado à dinâmica do vivido e percebi os atravessamentos que afetam meu ser, os quais trouxeram o sentimento de que o saber é transitório, mutante e múltiplo.

Na reunião dos fragmentos de saberes que me tocaram, pude perceber a forma de um almanaque que poderia conter as variedades das palavras e imagens que usei para narrar a história desse percurso de aventura de formação. Posso dizer que foi um trabalho complexo que trouxe muitas dúvidas e um sentimento de deriva frente às encruzilhadas que encontrei pelos, como diria Castoriadis, caminhos labirínticos da criação dos imaginários. Nestes percursos desviados, me deparei com o inusitado e fui obrigado a abandonar a rigidez dos objetivos predeterminados para perceber o momento estético, como dispositivo de formação¹.

O sócio-histórico condicionou as criações imaginárias nesta formação, fazendo com que fosse percebida como um processo em movimento que nem sempre foi conclusivo, como possibilidade do vir a ser e como ação que visou a singularização e a autonomia criadora de saberes transformadores da docência. Há muitos lugares diferentes de onde a formação e a docência podem



Figura: 85: Dentro da nuvem.

1. [...] um espacio estratégico y táctico que es revelador de significados, analizador de situaciones, provocador de aprendizajes y nuevas formas de relación y organizador de transformaciones (SOUTO, 2007, p. 21).

Nota do autor 50: Mesmo uma formação fragmentada pode se tornar coerente e coesa em alguns aspectos, se for percebida pela criatividade ou capacidade de invenção de conexões.

ser olhadas, e a estética também foi um desses, e permitiu ver como a criação do saber pode ser provocada pela sensibilidade perceptiva e pela arte. Mas a estética se efetivou, pela experienciação, como espaço aberto à percepção de subjetividades desencadeada por sentimentos diversos, como os irracionalismos, o espontâneo e as utopias. Esse espaço de percepção trouxe a sensação de arejamento, de encantamento pela livre expressão e pela vontade de invenção do que não estava pronto.

Nesta formação, pela imaginação e pela arte, foi percebido o que estava à margem ou desconexo, como provocadores da criação de imaginários singulares. Imaginários que são representações do que foi vivido pelos percursos de formação, dos saberes e das dificuldades que foram ou não superadas. Portanto, esta formação dependeu das criações do sujeito, mas também do tempo e do lugar, pois foi constituída por imaginários instituintes e instituídos que demandaram a reflexão e o trabalho de elaboração de uma comunicação para fazer a mediação entre essas partes e para que os saberes produzidos pudessem se tornar compartilháveis.

Enfim, pelo que foi narrado e com a perspectiva de que a formação e a docência são atravessadas pela sensibilidade e percebidas imaginariamente e esteticamente para provocar a criação de saberes fragmentados, mutantes e efêmeros, fica a impressão de processo inacabado, mas que precisa de fechamento, visto que, em algum momento e lugar, é necessário olhá-lo.



Figura 86: Atravessamentos.

EFEMÉRIDE DA PROVISORIEDADE DO SABER

Mais tarde, no escuro, enquanto sonhava...

Considero esta experiência que foi o doutorado como uma obra inacabada e vulnerável a qualquer intervenção, pois foi construída no movediço terreno que é o imaginário, onde cada olhar sobre os fragmentos assentados poderiam mudar significativamente a criação. Por isso a percepção que tenho sobre este trabalho é de que se trata de um feito efêmero e incerto.

Efemérides são instáveis como as formas das nuvens de aleluias. Não há possibilidade de olhar tudo por todos os lados, por isso é preciso se deixar ser afetado pelo possível e desfrutar a estética do movimento. Mas, em um instante, prestando atenção a um ou outro fragmento, pode ser percebido que não são iguais, que não são células de uma massa uniforme, mas que são singulares e que, de semelhante, possuem somente a sina da fatalidade.

O olhar minucioso evidenciou disparidades, movimentos irregulares em tempos particulares, que tomei como provocação para vasculhar o viver fragmentado e misturar-me à nuvem para guardar alguns saberes antes que pudessem ser perdidos. Senti vontade de recriar, a partir da variedade, os imaginários mutantes da formação e do viver para reconhecer-me diferente, um professor do presente. Durante esse nebuloso trajeto, encontrei dúvidas que acarretaram, na maioria das vezes, outras dúvidas, que provocaram mudanças e fizeram entender a formação como um processo sempre inacabado.

Neste momento, sei que recorri ao imaginário e o tratei com razão e emoção para perceber as singularidades nesse processo formativo.

Provisoriamente ou não, este processo teve que ser encerrado para que fosse possível narrar a história do vivido e para encontrar finalmente alguma reflexão. Mesmo que fosse uma das constatações mais óbvias, que acompanha a vida toda, e que é a do viver o presente, valorizando a aventura de estar vivendo e procurando estar sensível às questões, é uma das mais caras, das

Nota do autor 51: Nuvens de aleluias é uma expressão popular para um enxame dos insetos efeméridas.



Figura 89: Singularidade do olhar.

Nota do autor 52: Percebo a formação na perspectiva de um processo sempre inacabado e vulnerável a intervenções pelas experiências vivenciadas que podem fragmentá-lo, mas possibilitam percebê-lo singularmente.

que possibilitam ser ético com os outros e consigo mesmo.

Quanto ao risco, teve que ser assumido, pois a oportunidade foi agora e, em outro tempo, não veria as mesmas efemérides. Também precisei arriscar porque devo ter descoberto tarde demais o que Sêneca (2011, p. 116) já havia previsto há muito tempo, ou seja, “Nada é pior do que se indagar a propósito do que está por vir: Para onde isso vai me levar?”.

EFEMÉRIDE DA PEQUENA INVENÇÃO

Apenas uma ideia espontânea...

Não inventei a roda,
tampouco a fiz rodar,
apenas me encantei
em vê-la girar.

Assim como a roda gira,
a vida tende a passar,
mas a roda na ribanceira,
não sei onde vai parar.

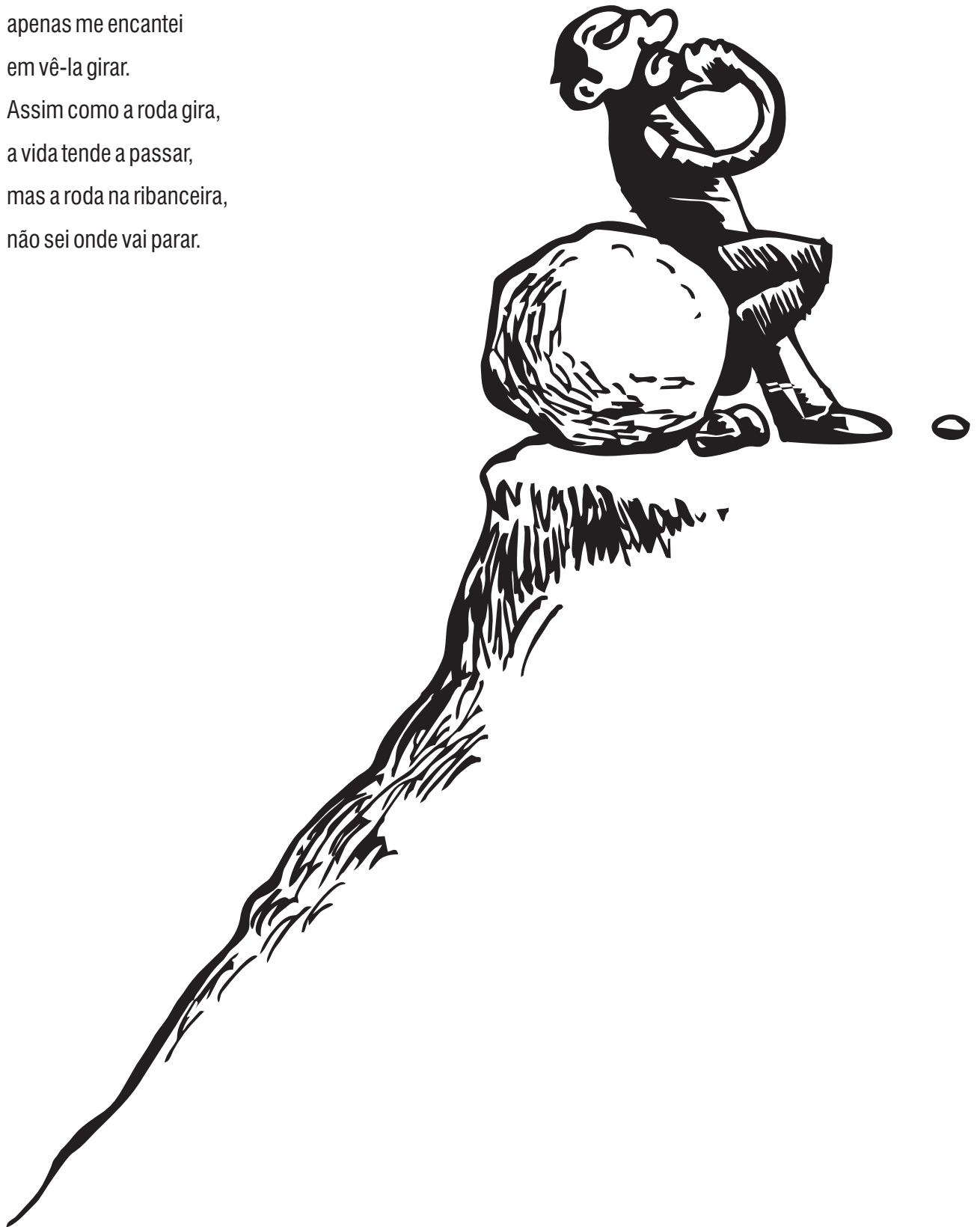




Figura 87: Ser conectivo.

1. Nossa inteligência saiu da cabeça ossuda e neuronal. Entre nossas mãos, a caixa-computador contém e põe de fato em funcionamento o que antigamente chamávamos nossas “faculdades”: uma memória mil vezes mais poderosa que a nossa, uma imaginação equipada com milhões de ícones; um raciocínio também, já que programas podem resolver cem problemas que não resolveríamos sozinhos. Nossa cabeça foi lançada à nossa frente, nessa caixa cognitiva objetivada (SERRES, 2013, p. 36).

EFEMÉRIDE DE UM PENSAMENTO SOBRE TUDO

Ao ocaso, quando a luz do dia não permitia ver mais ao longe...

Em um momento em que pensava sobre tudo que havia ocorrido, o quanto havia estudado e tudo que havia criado, percebi que muitas coisas tinham sido descartadas, que outras já haviam sido esquecidas, mas que precisaria fazer um fechamento do que permanecia, relacionando os saberes fragmentados das efemérides que foram produzidas, para encerrar, mesmo que contingentemente, esta pesquisa. Eu estava muito cansado e tinha a sensação de que já não saía do mesmo lugar porque sentia uma saturação de trabalhar por tão longo tempo com os mesmos assuntos. Também parecia que havia perdido o fôlego para continuar criando, e as ideias que eram importantes para esta hora tinham ficado perdidas pelo caminho.

De certa maneira, esses saberes e não saberes ou idas e vindas pelas complexidades das reflexões trazem um panorama do que foi a dinâmica deste estudo, que produziu muitos espaços desconexos a serem conectados. Assim, foi preciso um último esforço, o de saber quais foram as vivências significativas e agrupá-las em um lugar de sentido. E, nesse exercício de agregar saberes fragmentados, percebi que, olhando a partir do imaginário e da estética, houve a perspectiva da criação do saber pela conectividade mais do que pela acumulação¹.

Muito do que vivi no doutorado, na trajetória docente e na vida cotidiana poderia ser referência para formação de professor. Mas algumas dessas vivências me intimaram com mais força e se tornaram mais significantes no contexto deste trabalho. Portanto, as vivências a que me refiro, que se tornaram referências para formação de professor, foram as que olhei com sensibilidade, nas quais percebi pequenas singularidades e que pude narrar de maneira instituinte nesta pesquisa.

Pelo contexto das variedades das experiências vivenciadas e pelos olhares evocados nesta tese, que teve como foco a descoberta de um movimento instituinte de experiência de

novas formas de narrar, posso dizer que houve a produção de singularidades, como saberes diversos e fragmentados que foram concebidos através de criações sensíveis como efemérides de um almanaque. Foram saberes singulares porque me constituíram e foram condicionados às intimações, aos afetos e às subjetividades percebidos em momentos únicos vivenciados. A singularidade também foi percebida nos espaços abertos à criação, que foram deixados pelas desconexões entre os saberes fragmentados, mas que necessitaram de conexões inventadas para tornar possível a percepção integrada da formação e da pesquisa como um processo contínuo de aprendizado, o que, a meu ver, é algo que tem sido um pouco esquecido nos cursos funcionalistas de formação de professores. De outra maneira, as descobertas que emergiram desta pesquisa correspondem a visões de um presente² sobre o que se passou e, portanto, a olhares mutantes e efêmeros porque sofrem a ação do tempo, e o ser é eternamente inacabado.

Pela sensibilidade neste processo, o olhar foi desviado para o que estava periférico, para as minúcias ou para o que estava à margem para perceber um espaço pleno de sentimentos estéticos e criações divergentes. Com referência no imaginário, percebi a criação como possibilidade de sentido, como uma narrativa em construção que necessita da imaginação e da espontaneidade.

Todos esses aspectos fundamentais referentes ao que foi vivenciado neste trajeto de aventura pelas efemérides, tendo em vista os entrecruzamentos entre o imaginário e a estética, podem ser considerados referências à formação de um professor, pois encontrei neles muitas singularidades, que foram vistas, entre tantas coisas, na multiplicidade, mutação e efemeridades do saber, nas variedades de um almanaque, na narrativa a partir de um imaginário autobiográfico, na força das relações de um grupo de pesquisa, na aventura pelos percursos labirínticos, pelas encruzilhadas da formação, nas possibilidades de vir a ser pelo imaginário, na percepção sensível, nos desvios, nas vivências

2. É porque estamos ligados a uma visão, a uma estrutura categorial, a um projeto determinado que podemos dizer algo de significativo sobre o passado. Somente quando o presente está fortemente presente, é que permite ver outras coisas no passado e mais do que o próprio passado podia ver em si mesmo (CASTORIADIS, 1982, p. 48).

olhadas pela estética, nas emoções e afetos, na arte de existir, no olhar das pequenas coisas e ao periférico, nas fragmentações do processo de pesquisa e formação, nos saberes desconexos, nas particularidades de uma prática docente e nas casualidades do viver.

Portanto, essas pequenas singularidades, que foram percebidas pelos entrelaçamentos do imaginário e da estética, permitiram olhar para a pesquisa e a formação de um professor de maneira diferente, como um lugar de atravessamentos de criações sensíveis, de experiencição da autonomia, de reflexão e de re-significação dos processos vividos e de aprendizagem.

Olhando por esses entrelaçamentos entre a estética e o imaginário de como me constituí e de minhas narrativas, acredito que esta tese pode ser compreendida pela variedade das experiências vividas e pela diversidade de saberes que sensibilizaram. Saberes percebidos como criações imaginárias simbólicas do sócio-histórico e da cultura, que tiveram na imaginação singular a enunciação da multiplicidade e pluralidade do ser e o envolvimento com a liberação ou arejamento das capacidades criadoras que redimensionaram imaginários extraídos da minha experiência vivida e da minha docência. Não no sentido de apontar um modelo identitário do que deve ser um professor, mas como possibilidade de devir e provocação à criação de novas ou diferentes significações, a exemplo da forma com que narrei este trabalho, olhando com sensibilidade o que compôs minha trajetória.

Esta tese também pode ser percebida nas estéticas dos olhares que inspiraram a forma como foi expresso este trabalho, com meu repertório de sensibilidade e das experiências vividas nas pequenas efemérides de um almanaque da formação de um professor desenhista, e na expressão gráfica visual, em fotografias e nos desenhos que foram criados.

Não tive como intuito fazer com que esta tese ou a narrativa do meu percurso repercutisse em uma grande teoria da educação,

pois não tenho a fruição de quem tem formação na área da educação. No entanto, penso que tenho uma contribuição a dar, mostrando como podem existir outras formas instituintes de pensar através das pequenas coisas, das experiências, das vivências que tive e que foram significativas, como a formação que pode ser construída pela diversidade e por um conjunto de pequenos saberes do cotidiano sobre o ser professor, pesquisador e desenhista que me constituiu.

Isso não quer dizer que outros não consigam chegar aí de outro modo, mas, para mim, foi um processo importante, visto que, à luz dos estudos do imaginário, do instituinte, inspirado em Cornelius Castoriadis, esta pesquisa de cunho autobiográfico e originada de percepções do vivido defende a formação na perspectiva do movimento de criação e da transformação do saber e do ser.

Sobre as estéticas produzidas nesta pesquisa, foi preciso encontrar um meio termo para expressá-las, pois, ao mesmo tempo, foi necessário contemplar a racionalidade das ciências. No entanto, percebi o quanto a estética pode ser importante como provocadora da fluidez criativa, porque, espontaneamente, é ativista das transgressões de formas instituídas de saber. O ativismo pela estética pode ser olhado como concepção da criação pela sensibilidade e pela diferença ou diversidade, como uma extração da singularidade no magma do imaginário. Foi isso que, ao fim de tudo, tentei fazer neste trabalho. Isto porque, a estética, assim como a arte, é disparadora de percepções, explicitações e expressões de novas e autênticas formas de sentir e pensar.

Tendo em vista a formação, o que este trabalho me faz dizer é que é preciso romper com a manutenção das forças do instituído que só impõem novas identidades, mas, sobretudo, promover uma pluralidade da criação de saberes e aprendizagens para que a formação humana se torne um espaço democrático e de tolerância às diversidades.

Esta formação foi um processo que requereu a coerência

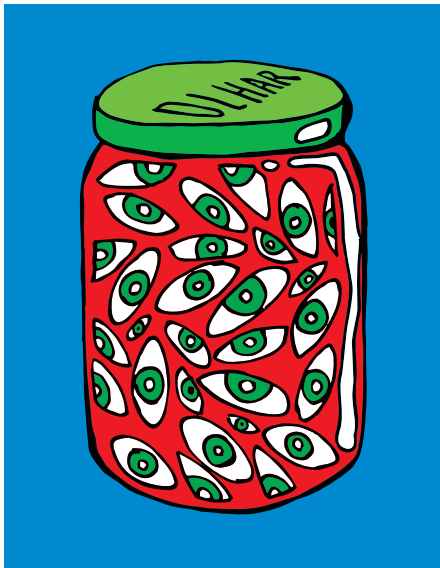


Figura 88: Pequenos olhares guardados.

para perceber o que era possível criar, quais eram os limites dessas criações e as implicações que tiveram nos aprendizados. Assim, foi preciso encontrar formas de ponderar, principalmente sobre a linguagem, para tornar os saberes sensíveis e subjetivos que foram percebidos o mais expressivo possível, sem deixar de comunicar de maneira inteligível e adequada as diretrizes da instituição em questão. Posso dizer que houve muitos aprendizados, e que muitos dos imaginários que trazia sobre a docência foram transformados em outros, que me mostraram que é possível constituir-me como um professor a partir da percepção sensível sobre as pequenas coisas do meu cotidiano, possibilitando pensar além do instituído, como um exercício de liberação do subjetivado. Entretanto, houve também a dificuldade em lidar com a estética devido, justamente a seu conceito de operador polissêmico.

Diante de tudo que se passou neste processo de pesquisa e formação, para mim fica explícita a importância dos saberes produzidos a partir dos entrecruzamentos do imaginário, da estética e da sensibilidade, não só no Desenho Industrial, mas na educação, porque podem gerar, entre muitas coisas, a percepção singular dos sujeitos, a criação de saberes outros, a descoberta de linguagens criativas e expressivas e a capacitação à autonomia.

Penso que, para as linhas de pesquisa do PPGE, este trabalho traz um olhar singular sobre a docência e exemplos de como se operam as percepções e as expressões sensíveis, imaginárias, estéticas ou artísticas na criação de saberes na educação, pois este relato de um processo de vida e formação de um professor pode provocar, em outros professores, percepções diversas sobre a docência, a formação e a educação. Também, acredito que esta pesquisa pode provocar novos olhares sobre a docência no Desenho Industrial, onde existem poucas pesquisas direcionadas às áreas do imaginário da formação de professores, visto que é um curso que, no Brasil, forma bacharéis e cujo ensino está voltado, principalmente, para as técnicas de produção de bens materiais e comunicação e não para a educação.

Portanto, acredito que essas possibilidades de ser e saber podem se transformar em caminhos, talvez de aventura, para a criação de novas ou diferentes abordagens educacionais e de pesquisas sobre a formação de professores.

Quando o escuro se fez totalmente e não pude enxergar mais nada, ficaram apenas os desejos e, entre eles, o de que esta tese tenha promovido o respeito às diversidades de como os trabalhos acadêmicos podem ser pensados, sentidos e construídos.

EPÍLOGO

EFEMÉRIDE DA AVENTURA DA VIDA

Caçapava do Sul, dezembro de 1972...

Figura 91: Aventura.



Pertinho do meio dia de uma manhã nebulosa do verão de setenta e dois, eu acabara de sair do banho. Estava com o cabelo penteado, todo lambido para direita, camisa branca, gravata azul, com o emblema do colégio, bermuda marinho de tergal, meias brancas de “*ban-lon*” bem espichadas, vindo quase até o joelho, e sapatos pretos com o bico esfolado.

Permanecia parado feito uma estátua, enquanto calmamente a minha mãe, agachada na minha frente, dava os últimos ajustes no meu visual quando, repentinamente, o ritual foi interrompido pela entrada barulhenta do meu pai e do meu tio

Roberto. Ele almoçaria conosco e comentava com meu pai que, à tarde, faria uma pequena viagem a São Sepé.

Repentinamente ele me olhou, como se tivesse tomando as minhas medidas, e perguntou se eu gostaria de acompanhá-lo e, é claro que nem precisei responder, a resposta ficou estampada no meu sorriso.

Meus pais se olharam meio confusos, levaram um tempo gesticulando, concordaram frente ao nosso entusiasmo, mas também acabaram permitindo porque o meu tio era um padre e pensaram que seria difícil negar seu pedido.

Logo depois do almoço, com o mesmo figurino, somente acrescentando um capacete, daqueles abertos, com a parte de cima de latão e a parte de baixo de couro, com uma fivela que prendia abaixo do queixo, subi na lambretta branca e vermelha, e fomos pela rua acenando para os meus pais.

Nessa época, a estrada da saída da cidade ainda não era pavimentada e, não demorou muito, nosso veículo derrapou em uma curva de terreno arenoso e caímos um belo tombo.

Levantamos abanando a poeira, nos examinamos procurando algum esfolado, nos olhamos e rimos do acontecido. O meu tio verificou se havia estragado alguma coisa na máquina e com um sorriso radiante falou: “Déco, a vida é uma grande aventura!”.

E, assim, seguimos viagem...

ALGUMAS DAS IMAGENS QUE AVISTEI

Durante esta pesquisa de doutoramento também me referenciei na arte, principalmente na arte visual, pois ela sempre desperta sentimentos e olhares que me fazem criar. Tive como referencial as obras visuais de muitos artistas e/ou ilustradores e, por uma questão de respeito aos direitos autorais de publicação sobre suas criações, listo aqui seus nomes e os endereços na internet onde podem ser encontradas as suas obras:

Alberto Cerriteno - www.albertocerriteno.com

Alex Gross - www.alexgross.com

Allan Sanders - <http://www.allansanders.co.uk>

Boris Pramatarov - boris-pramatarov.blogspot.com.br

Brad Yeo - www.bradyeo.com

Brian Cairns - www.briancairns.com

Carlos Páez Vilaró - carlospaezvilario.com.uy/nuevo

Chiara Bautista - www.chiarabautista.com

Chris Gall - www.chrisgall.com/illustrations

Daniel Cuello - www.danielcuello.com

David Foldvari - www.davidfoldvari.co.uk

Dino Valls - www.dinovalls.com

Edel Rodriguez - www.drawger.com/edel

Friedensreich Hundertwasser - www.hundertwasser.com

Galvão Bertazzi – www.galvaobertazzi.com

Hadley Hooper - www.hadleyhooper.com

Igor morski - www.igor.morski.pl

Isaac Cordal - cementeclipses.com

J. Borges - www.gravura.art.br/j-borges-cordel

James Jean - www.jamesjean.com

Joan Brossa - www.fundaciojoanbrossa.cat

Jonathon Rosen - jrosen.org

Julian de Narvaez - www.juliandenarvaez.com

Julien Pacaud - www.julienpacaud.com

Keith Haring - www.haring.com

Man Ray - www.manraytrust.com
Mark Ryden - www.markryden.com
Mike Mcquade - mikemcquade.com
Naoto Hattori - www.wwwcomcom.com
Paul Bommer - paulbommer.bigcartel.com
Pawel Kuczynski - pawelkuczynski.com
Pedro Rodriguez - pericorodriguez.com
Renato Alarcão - www.renatoalarcao.com.br
Réne Magritte - www.renemagritte.org
Samuel Casal - www.samuelcasal.com
Sergio Mora - sergiomora.com
Seymour Chwast - www.pushpininc.com
Shaun Tan - www.shauntan.net
Thara Mcpherson - www.taramcpherson.com
Tim Burton - www.timburton.com
Torres Garcia - www.torresgarcia.org.uy
Zeloot - www.zeloot.nl

AMIGOS COM QUE CONVERSEI

BRUCE-MITFORD, M. **O livro ilustrado dos símbolos**: o universo das imagens que representam as idéias e os fenômenos da realidade. São Paulo: Publifolha, 2001.

CASTORIADIS, C. **A Instituição imaginária de sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **C. As Encruzilhadas do Labirinto/1**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **As Encruzilhadas do Labirinto III**: o mundo fragmentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 – 1992.

_____. **Feito e a ser feito**: as encruzilhadas do labirinto-V. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. **Sujeito e verdade no mundo social-histórico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CHEVALIER, J. **Dicionário de Símbolos**: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 9ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

COSTA, L. B. **Estratégias Biográficas**: biografema com Barthes, Deleuse, Nietzsche e Henry Miller. Porto Alegre: Sulina, 2011.

DÍAZ, E. **Posmodernidad**. 4ª Ed. Buenos Aires: Biblos, 2009.

DUARTE, N. A pesquisa e a formação de intelectuais críticos na pós-graduação em educação. In: DUARTE, N.; DELLA FONTE, S.S. **Arte, conhecimento e paixão na formação humana**: sete ensaios de pedagogia histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2010.

DUFOUR, D-R. **A arte de reduzir as cabeças**: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

EDWARDS, B. **Desenhando com o artista interior**. São Paulo: Claridade, 2002.

FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Isto não é um cachimbo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. Sobre a genealogia da ética. Uma revisão do trabalho. In: Rabinow, Paul; Dreyfus, Hubert. Michel Foucault. **Uma trajetória filosófica**. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Forense Universitária, Rio de Janeiro: 1995.

HERMANN, N. **Autocriação e horizonte comum**: ensaios sobre educação ético-estética. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

_____. N. **Ética e estética**: a relação quase esquecida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

HOLLIS, R. **Design gráfico**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HOUAISS, A. VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JANSON, H. W. **Iniciação à História da Arte**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JOSSO, M. C. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LE ROUX, P. **Império Romano**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

KUREK, D. L. **Ensaio sobre a dor na docência**: uma escrita antro-po-fenomenológica. Pelotas, RS: Um2 Comunicação, 2013.

_____. D. L. Essas coisas do imaginário. . In: PERES, L. M. V., EGGERT, E. e KUREK, D. L. (Orgs.) **Essas Coisas do imaginário...** diferentes abordagens sobre narrativas (auto) formadoras. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.

MAFFESOLI, M. **Elogio à razão sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MOSSI, C. P. Um corpo-sem-orgãos, sobrejustaposições. Quem a pesquisa (em educação) pensa que é? 2013. **Tese de doutorado**. Santa Maria: UFSM/RS, 2013.

NIETZSCHE, F. W. **A gaia ciência**. São Paulo: Escala, 2001.

OLIVEIRA, V. M. F. De que imaginário estamos falando? **Signos**. Ano 19, nº . Lajeado, RS: FATES, 1998.

_____. V. M. F. Formação e grupo: indagações sobre questões sensíveis. In: PERES, L. M. V., EGGERT, E. e KUREK, D. L. (Orgs.) **Essas Coisas do imaginário...** diferentes abordagens sobre narrativas (auto) formadoras. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.

_____. V. M. F. Imagem, cotidiano e memória: entre as artes de viver, conhecer e formar. In: BARBOSA, R. L. L. e PINAZZA, M. A. (Orgs.) **Modos de narrar a vida**: cinema, fotografia, literatura e educação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

OSTROWER, F. **Criatividade e processo de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

PAQUET, M. **Magritte**. Colônia: Taschen, 2015.

PEREIRA, M. V. **A estética da professoralidade**: um estudo interdisciplinar sobre a formação do professor. Santa Maria, RS: Ed. Da UFSM, 2013.

PIMENTA, S. G. e ANASTASIOU, L. das G. C.. **Docência no ensino superior**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PINEAU, G., LE GRAND J-L. **As histórias de vida**. Natal, RJ: EDUFRN, 2012.

RABAÇA, C. A. e BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. Ed. Ática, São Paulo, 1987.

RESTANY, P. **O poder da arte - Hundertwasser** – o pintor-rei das cinco peles. Colônia: Taschen, 1999.

SÊNECA, L.A. **Aprendendo a viver**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

SERRES, M. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUTO, M. Repensando La formación: cuestionamientos y elaboraciones. 2007. (texto digitado – Aceptado para publicar em la Revista N. 1 de Educación de Palermo).

TREVISAN, A. L. Hermenêutica da alteridade educativa. In: TREVISAN, A. L.; TOMAZZETI, E. M. (Orgs.) **Cultura e Alteridade**: confluências. Ijuí/RS: Unijuí, 2006.

TRIPLEHORN, C. A. **Estudos dos Insetos**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

Sites:

<http://coral.ufsm.br/gepeis/index.php/projetos/projetos-de-pesquisa>

<http://coral.ufsm.br/gepeis/index.php/sobre>

OUTROS QUE CONHECI

- ABRAHÃO, M. H. M. B. **A Aventura (auto)biográfica: teoria e empiria.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- AGAMBEN, G. **O reino e a glória: uma genealogia teológica da economia e do governo.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- ARAÚJO, A. F. **Imaginário educacional: figuras e formas.** Niterói: Intertexto, 2009.
- ARNHEIM, R. **Arte e Percepção Visual.** 6ª Ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1991.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação na instituição educativa.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- BARTOLOMÉ RUIZ, C. M. M. **Os paradoxos do imaginário.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2030.
- BAUER, M. W. e GASKELL, G. (Ed.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRANDÃO, Z. **Pesquisa em Educação: conversas com pós-graduados.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- CASTORIADIS, C. **A criação histórica.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992¹.
- _____. **C. As Encruzilhadas do Labirinto II: Os domínios do Homem.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992².
- _____. **C. As Encruzilhadas do labirinto IV: A ascensão da insignificância.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 3ª ed. São Paulo: Cortez. 1998.
- COMTE, A. **Discurso sobre o espírito positivo.** São Paulo: Editora Scala, 2000.
- COSTA, M. V. **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DENZIN, N. K. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 16ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquiosofrenia.** Vol. 3 Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- DIAS, R. M. **Nietzsche, a vida como obra de arte.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- DOMINGUES, I. (Org.) **Conhecimento e transdisciplinaridade II: aspectos metodológicos.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- DURAND, G. **A fé do sapateiro.** Editora Universidade de Brasília, 1995.
- ERIBON, D. **Michel Foucault, 1926 – 1984.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- EIZIRIK, M. F. **Michel Foucault: um pensador do presente.** 2ª Ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1966.
- GADAMER, H-G. **Hermenêutica em retrospectiva**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer uma pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 10ª Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2007.
- GOTTSCHALL, C. A. M. **Do mito ao pensamento científico: a busca da realidade, de Tales a Einstein**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2004.
- GUATTARI, F. e ROLNIK, S. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. 6ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HABERMAS, J. **A lógica das ciências sociais**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. 5ª Ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.
- HELLER, A. **A crise dos paradigmas em ciências sociais para o século XXI**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- JAPIASSU, H. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.
- KINCHELOE, J. L. e BERRY, K. S. **Pesquisa em educação: Conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- LANDER, E. (Org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Clacso, 2005.
- LANKSHEAR, C e KNOBEL, M. **Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- LESSARD-HÉBERT, M.; GOYETTE, G.; BOUTIN, G. **Investigação qualitativa: fundamentos e práticas**. 4ª Ed. Lisboa: Epistemologia e sociedade, 2010.
- MADRID-MANRIQUE, M. **Creando narrativas audiovisuales participativas: a/r/tografia e inclusividad**. Tese de Doutorado: Universidad de Granada, 2014.
- MARQUES, M. O. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.
- MINAYO, M. C. de S., **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MORAES, R. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.
- NIEWIADOMSKI, C e TAKEUTI, N. M. (Orgs.) **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N.; BARRETO, R. G. (Orgs.) **Pesquisa em educação: métodos, temas e linguagens**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- PECOITS, S. da S. **Querido diário? Um estudo sobre o registro e formação de professores**. Porto Alegre: Editora Letra 1, 2012.
- POUPART, J. ; DESLAURIERS, J.- P. ; GROULX, L.- H.; MAYER, R. ; PIRES, A. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

RODRIGUES, M. B. F. (Org.) **Exercício de Indiciarismo**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, 2006.

SANTOS, B. de S. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. B. de S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós- modernidade. 9ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SARTRE, J-P. **A imaginação**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SILVA, J. M. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: 2ª Ed., Sulina, 2006.

SOARES, L. E. **Hermenêutica e ciências humanas**. In: Estudos Históricas. Rio de Janeiro: nº 1, 1988.

SOUSANIS, N. **Unflattening**. Cambridge, EUA: Harvard University Press, 2015.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

VASCONCELOS, E. M. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar**: epistemologia e metodologia operativa. 5ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

WELLER, W. e PFAFF, N. (Orgs.) **Metodologia de pesquisa qualitativa em educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

